



À esquerda: Esplanada da Casa de Chá.

Em cima: Pormenor do interior.

Casa de Chá no Paço das Infantas

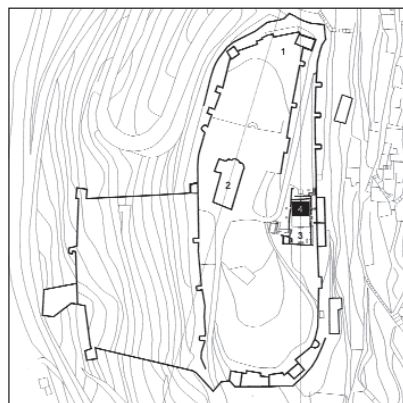
1 • CARÁCTER DO ESPAÇO

Supõe-se que a Alcáçova de Montemor-o-Velho tenha sido uma primeira implantação do séc. XII, sabe-se que foi alvo de disputa, no princípio do séc. XIII, entre D. Afonso II e as suas irmãs, D. Teresa, D. Sancha e D. Mafalda. Daí o epíteto que hoje o qualifica: Paço das Infantas.

A nossa proposta para a construção da Casa de Chá no espaço envolvente da ruína do Paço da Alcáçova, no Castelo de Montemor-o-Velho, decorre da análise e interpretação do monumento visando a clarificação da sua leitura histórica através da utilização contemporânea.

No entanto, dada a inexistência de estudos arqueológicos que forneçam com rigor dados relativos ao monumento, consideramos fundamentalmente as estruturas visíveis e alguns, escassos, registos documentais. Tentamos, assim, traduzir uma

leitura da ruína, que se pretende coerente e isenta quer de excessos afirmativos quer de fantasiosas especulações.



1. Castelo de Montemor-o-velho.
2. Igreja de Santa Maria da Alcáçova.
3. Paço das Infantas.
4. Casa de Chá.
5. Montemor-o-velho.

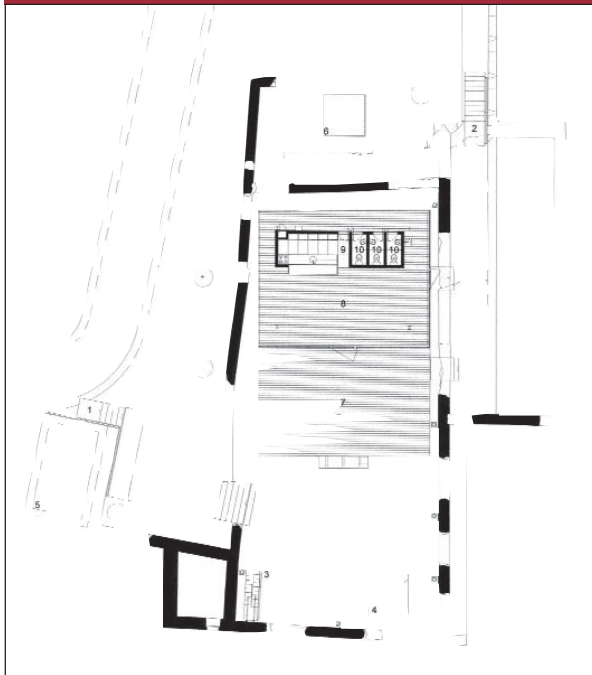
2 • OPÇÕES DE IMPLANTAÇÃO

A implantação escolhida para o edifício revela, por um lado, a intenção de sublinhar os perímetros Noroeste, Nordeste e Sudeste da ruína, abrindo a Sudoeste uma frente de esplanada, protegida pelo paramento menos arruinado.

Por outro lado, pretende-se sugerir a antiga entrada principal do Castelo, assumindo um percurso de ligação ao Paço, adossado à cortina de muralha Sudeste. Pretende-se reforçar o eixo da muralha, reactivando o percurso que se lhe adossava como acesso directo à futura Casa de Chá, e deixando que a serena axialidade do edifício proposto sirva como momento flector de chamamento para a sua própria utilização.

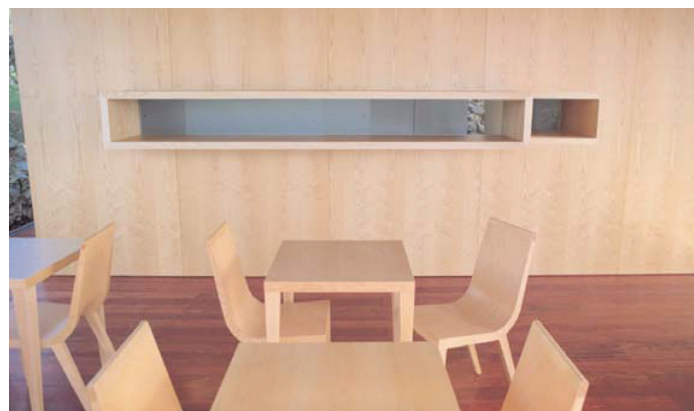
Assim, das preocupações que influíram na implantação do edifício emerge, por um lado, a afirmação intencional de clarificar

1. Percurso de ligação à Igreja de Sta Maria da Alcáçova.
2. Percurso adossado à Muralha; 3. Escada de acesso à janela.
4. Banco; 5. Tanque; 6. Fosso Chiller+Uta; 7. Esplanada.
8. Sala de Chá; 9. Cozinha; 10. Instalações sanitárias.



À esquerda: Corredor.

Em baixo: Pormenor do interior.



renovadas interpretações da envolvente edificada e, por outro, a certeza de deixar em aberto a leitura actual da ruína.

"A materialidade aberta da ruína é deliberadamente prolongada, trabalhando-se o mistério que ela integra: a relação entre o que se conhece e o que se ignora. A nova arquitectura emerge como uma homenagem aos fragmentos sobreviventes como uma arquitectura que evoca e acolhe, que constrói com o fragmento. Trata-se de reuni-los, não simplesmente juntá-los por justaposição mas reuni-los segundo uma ideia precisa e um desenho rigoroso, porque é algo tão real como voltar a habitar um lugar. Por isso, a presença estimulante do passado não resulta aqui nem num peso nem numa carga mas numa possibilidade extrema de essencialização." (Ana Tostões, *Público*, 26 de Janeiro de 2001, pág. 30).

3•OPÇÕES DE CONCRETIZAÇÃO MATERIAL E ESPACIAL

Foi, pois, nossa intenção ocupar o espaço interior da ruína do Paço das Infantas com uma edificação leve, tornada perfeitamente inócua pelo modo geometrizado como se solta das paredes das referidas ruínas.

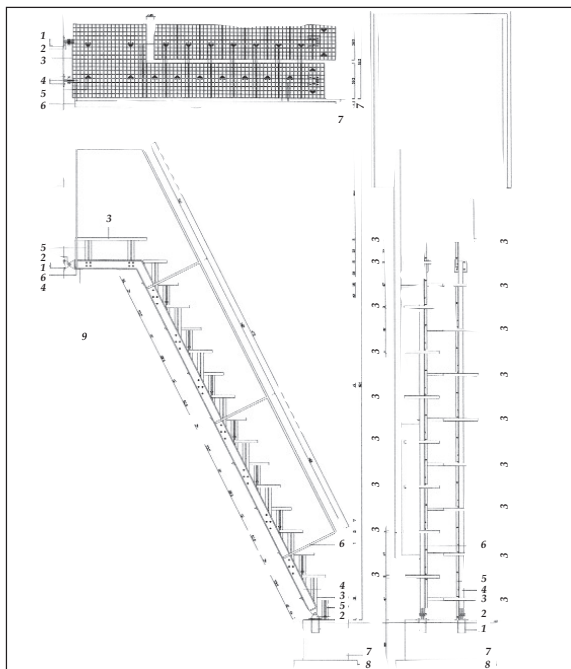
"A tensão conceptual da obra apoia o desenvolvimento no novo lugar realizado no espaço que foi o dos Paços. É a ideia da construção de um lugar, da criação de um lugar onde contemplar as ruínas, realizada com o essencial. Apenas dois planos: plataforma miesiana (referência a Mies Van Der Rohe), implantada no interior do que outrora foram os Paços da Infanta; tecto elementar sustido por finos e esbeltos suportes. Entre eles, a caixa de vidro, abstracta e quase virtual, cria um lugar íntimo, metafísico, de dura geometria, que é domesticado, porque como dizia Mies Van Der Rohe: "Estamos em casa e tínhamos de incluir

mobiliário." (Ana Tostões, *Público*, 26 de Janeiro de 2001, págs. 30 e 31).

A unir estes dois planos horizontais substancialmente fortes – cobertura e pavimento – um paralelepípedo cromaticamente distinto, que corresponde às áreas de serviço da Casa de Chá. O pavimento prolonga-se a sudeste num estrado em madeira que constitui a esplanada.

"(...) A plataforma – terraço à frente da construção situa a casa de chá na paisagem envolvente com um sentido de pertença. Uma pertença que integra o cenário dos fragmentos de muros fortemente texturados, de onde emana a carga do tempo e da história (...)." (Ana Tostões, *Público*, 26 de Janeiro de 2001, pág. 31).

Os paramentos verticais são em vidro simples, modulado e liberto de prumos de caixilharia, com excepção das portas, que assim ficam marcadas por aro e caixilho de ferro. Os pilares da estrutura de suporte



1. Varão roscado chumbado; 2. Rótula em barras de ferro 8 mm.
3. Degrau de grelha metálica amovível em quadrícula 38x38x5 mm.
4. Perfil UPN 100x50 mm; 5. Cantoneira em aço 30x30x5 mm.
6. Corrimão em barra de aço 70x20 mm. 7. Degrau de betão armado aparente descofrado; 8. Betão de limpeza. 9. Parede de pedra.

Em baixo: Escada exterior.



das lajes de pavimento e de cobertura são em perfis de ferro e funcionam pelo interior. Por um lado, para os afastar da ruína, e, por outro, para que a imagem desmaterializada e abstracta da caixa de vidro possa prevalecer.

"O uso do vidro estimula a visão ininterrupta dos fragmentos de ruínas envolventes e a projecção fora do espaço interior." (Ana Tostões, *Público*, 26 de Janeiro de 2001, pág. 31).

Tentou-se deste modo, criar uma estrutura cuja autonomia geométrica e material revalorize a própria imagem da ruína, integrando-a num contexto mais compreensível, pela entreposição da estrutura da Casa de Chá. A laje de pavimento e o estrado da esplanada ficarão levemente erguidos, reforçando, ainda mais, a imagem de estrutura que não se prende a nada do existente nem, tão-pouco, ao solo.

"Por um lado, a nova plataforma sobrele-

vada ritualiza-a para quem ocorre, reservando-a e abrindo-a a pessoas e paisagem. Por outro lado, reconstrói-se a envolvente próxima por interacção quase palpável ora surpreendente em contraste adequado ora derramada no novo propósito ora, ainda, articulada em acessos, passagens, caminhos e pavimentos." (João Rodeia, *O Independente*, 31 de Março a 6 de Abril 2000, pág. 51).

Internamente, a distribuição dos espaços é necessariamente simplificada pela minimização das áreas disponíveis em programa – 90 metros quadrados.

O corpo de serviços engloba os sistemas de infra-estruturas de climatização, bem como as instalações sanitárias e a copa de preparação de refeições frias.

A concentração das áreas de serviço, num corpo único, recuado relativamente às paredes envolventes, permite a desejável manutenção da transparência da Casa de Chá,

criando, desse modo, um nível de leitura mais abstractizante e, por consequência, mais consentâneo com as intenções de clarificar o existente, enquanto invólucro de um conteúdo renovado – a proposta.

FICHA TÉCNICA

Localidade: Site, Paço das Infantas, Castelo de Montemor-o-Velho, Portugal

Data do Projecto: 1997

Data da Construção: Maio 1999 – Julho 2000

Autor: João Mendes Ribeiro

Colaboradores: Carlos Antunes, Cidália Silva, Desirée Pedro, José António Bandeirinha, Manuela Nogueira, Pedro Grandão

Cliente: Instituto Português do Património Arquitectónico – Câmara Municipal de Montemor-o-Velho

Construtor: A. Ludgero Castro

Arranjos Exteriores: João Mendes Ribeiro

Estruturas: Raimundo Mendes da Silva

Electricidade: Marcos Pinguinha

Instalações Mecânicas: Isabel Sarmento

Fotografia: João Mendes Ribeiro

JOÃO MENDES RIBEIRO, Arquitecto.